

Uma ponte para memória: experiências do público frente ao patrimônio do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos

A bridge to memory: public experiences in front of the collection of the Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos

Eva Castro *
Luciana Costa **

Resumo: Este artigo toma como objetivo analisar o público do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos – situado em Goiana, Pernambuco - face à sua experiência com o patrimônio sacro, adotando como temática central o estudo de público em museus. A metodologia empregada configura a pesquisa como bibliográfica e descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa. Utiliza questionário como instrumento de coleta de dados, aplicado ao recorte de público estabelecido configurados nos estudantes dos cursos de cultura ofertados pela unidade do Serviço Social do Comércio em Goiana. Analisa os dados obtidos por meio de agrupamento temáticos, interpretando a partir do cruzamento com a literatura científica. Constata que a experiência do público frente o patrimônio sacro do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos não é homogênea. Conclui que as experiências que partem de um público diverso e plural contribuem para reflexões acerca do patrimônio sacro pertencente ao Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, reafirmado a importância dos estudos de públicos em museus.

Palavras-chave: Patrimônio; Memória; Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos.

Abstract: This article aims to analyze the public of the Sacred Arte Museum Writer Maximiano Campos – located in Goiana, Pernambuco – in view of their experience with sacred heritage, adopting as its central theme the study of the public in museums. The methodology used configures the research as bibliographic and descriptive, with a qualitative and quantitative approach. It uses a questionnaire as a data collection instrument, applied to the established audience group configured in students of culture courses offered by the Social Service of Commerce unit in Goiana. Analyzes the data obtained through thematic grouping, interpreting it based on the cross-reference with scientific literature. The public's experience of the sacred heritage of the Sacred Arte Museum Writer Maximiano Campos is not homogeneous. It concludes that the experiences that come from a diverse and plural public contribute to reflections on the sacred heritage belonging to the Sacred Arte Museum Writer Maximiano Campos, reaffirming the importance of public studies in museums.

Keywords: Heritage; Memory; Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos.

* Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação da UFPB e UFPE. Especialista em História do Brasil e Licenciada em História pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana. Tecnóloga em Design de Interiores pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. É integrante da Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMus). E-mail: evacarolsena@gmail.com

** Doutora em História e Filosofia da Ciência especialidade em Museologia pela Universidade de Évora, Portugal, com reconhecimento, no Brasil, pela UFMG correspondente ao título de Doutora em Ciência da Informação. Mestra em Ciência da Informação e Bacharela em Biblioteconomia pela UFPB. Pós-Doutorado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu) da Universidade Federal da Bahia. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da UFPB e professora permanente do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da UFPB e da UFPE. Coordenadora do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais na UFPB (Biênio 2023-2025). É Editora do periódico científico *Perspectivas em Gestão do Conhecimento*. Líder da Rede de Pesquisa e (In)Formação em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMus).. Email: lucianna.costa@yahoo.com.br

1. Introdução

A partida, o presente artigo tem como objetivo analisar o público visitante do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, localizado no município de Goiana em Pernambuco, região Nordeste do Brasil, face à sua experiência com o patrimônio sacro, por meio da ferramenta de estudos de públicos em museus.

As reflexões em torno do tema de estudos de públicos em museus ou a tendência temática no âmbito da área da Museologia e do campo dos museus, segundo analisa e denomina Costa (2018), é amplamente discutida por estudiosos a exemplo de Costa (2023), Köptcke e Cazeeli (2008), Marandino e Almeida (2009), Costa e Brigola (2014), Moraes (2019), Perez-Castellanos (2016), dentre outros.

Pretendendo compreender a percepção e a experiência dos mais diversos tipos de públicos que frequentam as instituições museológicas, buscou-se suporte nas reflexões desenvolvidas pelos autores citados anteriormente, que discutem a presença dos públicos nos museus, a tipologia de públicos e os hábitos de frequência nesses ambientes. Consideramos que estes traduzem o conhecimento acerca da tendência temática estudos de públicos a partir de diversos casos, sendo, muitas vezes, desenvolvidos à luz de diálogos possíveis com outras áreas, como, de acordo com Costa (2023), a Ciência da Informação.

Os estudos de públicos, em termos conceituais, dedicam-se às pesquisas sobre os públicos de museus, em que contemplam os visitantes reais e potenciais, além dos não públicos (PÉREZ-CASTELLANOS, 2016). Para nós, os autores, a prática de realização dos estudos de públicos se dedicam a investigação de diversos aspectos: características sociodemográficas, características comportamentais; avaliação de serviços por parte do museu; avaliação das exposições; avaliações dos serviços gerais, avaliação da presença digital do museu (sites, redes sociais, aplicativos) com vistas ao aperfeiçoamento destas questões na interação precípua público-museu.

Desse modo, o levantamento e a análise dos dados a partir do estudo de público, não se interessam apenas em uma informação estatística de visitantes frequentes nos museus, mas contribuem para a compreensão da atuação e do alcance desses espaços, bem como para a projeção de novas atividades, exposições, programações e ações que porventura possam ser desenvolvidas no futuro.

2. Trajeto metodológico

O presente artigo se configura enquanto uma pesquisa bibliográfica e descritiva, caracterizada como estudo de público.

A base analítica da pesquisa recorreu aos conceitos de público, na sua relação com o patrimônio e a memória segundo Desvallés e Mairesse (2013) e ao que garante a Constituição Brasileira de 1988. Além disso, nos baseamos no conceito de memória como elemento de identidade definido por Le Goff (1990), a maleabilidade da memória apresentada por Tosh (2011) e a correlação entre patrimônio e memória estabelecida por Desvallés e Mairesse (2013). A memória também é apresentada em suas variáveis: como a memória individual e a coletiva de acordo com o que versa Halbwachs (1990), e a memória autobiográfica apoiada nos estudos de Baddeley (2011).

Por meio de uma abordagem quanti-qualitativa a pesquisa se vale de uma metodologia de observação, estudo, análise, acerca dos dados levantados por meio de um questionário que foi aplicado ao público do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, o que sugere o contato direto do pesquisador com o ambiente pesquisado. O recorte de público estabelecido está compreendido entre os estudantes dos cursos de cultura ofertados pela unidade do Serviço Social do Comércio (Sesc) em Goiana, instituição à qual o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos está vinculado.

Para desenvolver o estudo de público é necessário que haja a definição dos métodos por meio dos quais se pretende realizá-lo. Segundo Davidson (2017, p.79) “o melhor guia é perguntar a si mesmo se um determinado método é a ferramenta mais apropriada para coletar os dados necessários para responder a uma ou várias questões de pesquisa”. Para tanto, procedemos com a elaboração de um questionário investigativo dividido em duas partes. A primeira visava levantar informações sociodemográficas dos respondentes, a segunda, objetivava coletar dados referentes a experiências desses respondentes em sua visita ao Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos.

Dos 32 estudantes (100%) matriculados nos cursos de cultura do Sesc Goiana, 25 (78%) responderam ao questionário, configurando a amostra da pesquisa. Prosseguimos com o processo de tabulação e posterior análise dos dados mediante o cruzamento com a literatura científica que embasou a pesquisa.

Os dados coletados foram organizados por meio do uso do Software Microsoft Excel 2010, com o objetivo de cruzar respostas, gerando agrupamentos e categorias de similares, que suscitaram a construção de tabelas e gráficos, de modo a auxiliar visualmente a compreensão das informações quantitativas.

No que tange a organização dos dados obtidos, a metodologia utilizada se baseou nas três etapas propostas por Lakatos e Marconi (2017), são elas: Seleção, Codificação e Tabulação. Para preservar a identidade dos respondentes, estabelecemos um código que se refere a Estudante do Curso de Cultura (ECC) seguido de um numeral classificatório. Os resultados apresentados na seção 4 são parte integrante de pesquisa de mestrado concluída em 2023, conforme já assinalado na Introdução deste artigo.

3. Estudos de públicos e seu tangenciamento entre patrimônio e memória

O Estudo de Público é uma metodologia de levantamento de dados que pode ser aplicada em diversos tipos de instituições, podendo ser uma ferramenta para os estudos sobre museus. De acordo com Köptcke (2012, p.215), “as práticas avaliativas e os estudos de público nos museus, refletem as problemáticas e as teorias em curso nos diferentes campos do conhecimento”. O estudo de público, de uma maneira mais generalizada, tem o objetivo de caracterizar social e demograficamente o público de determinada instituição. Conforme acrescentam Brahm, Ribeiro e Tavares (2017), os estudos de público “têm a capacidade de incidirem na dinâmica vocacional das instituições, participarem das disputas por discursos homogêneos sobre quem e como se apropriam socialmente os museus”.

O estudo de público pode acontecer a partir de dois âmbitos: o interno – promovido pela própria equipe museológica – e o acadêmico – desenvolvido por estudantes universitários sejam eles de graduação ou pós-graduação (SCHMILCHUK, 2017). Entretanto como indica Davidson (2017, p.126) “poucos museus têm departamentos em sua estrutura dedicados exclusivamente a essas tarefas”. Essa ausência de profissionais específicos na equipe dos museus para o desenvolvimento de um estudo de público, corrobora para a relevância e importância desta pesquisa.

Corroborando com essa linha de pensamento, Perez-Castellanos (2016, p.20) afirma que o estudo de público se configura como sendo “uma ferramenta essencial para planejar, desenvolver, executar e avaliar suas exposições e programas”. Isso implica dizer que os dados obtidos através desse tipo de pesquisa auxiliam o museu

no processo de planejar, projetar e/ou repensar suas exposições, seus espaços e suas ações, mediante as necessidades identificadas pelo público. Uma problemática levantada pela autora a respeito do estudo de público em museus é que “poucos museus dedicam recursos concretos - humanos e financeiros - para conhecer seus visitantes” (PEREZ-CASTELLANOS, 2016, p.20). Isso se dá por diversas circunstâncias, mas acima de tudo, pela ausência de verbas destinadas a esse fim. Se o estudo de público é uma ferramenta de auxílio para a melhoria das exposições, da acessibilidade dessas exposições, da linguagem e comunicação museal, dos projetos expográficos, logo, se não há interesse dos museus em realizar esse estudo, dificilmente essas melhorias ocorrerão.

Pesquisas como a de Oliveira (2015) e Araujo (2016) obtêm como resultados os motivos pelos quais certas categorias de público não tenham interesse em visitar espaços museais, enquanto Gandra (2017) observa que as expectativas prévias dos visitantes antes de conhecer o museu acabam por influenciar diretamente em suas experiências de visitação.

Um outro exemplo é o estudo de público desenvolvido anualmente pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) a fim de identificar o quantitativo das visitas nos museus brasileiros, através do Formulário de Visitação Anual (FVA), o qual foi estabelecido pelo decreto n  8.124/2013, Art. 4 , Inciso VIII que determina a obrigação dos museus em “enviar ao IBRAM dados e informações relativas às visitas anuais, de acordo com ato normativo do Instituto” (IBRAM, 2019).

Pesquisas como as supracitadas, legitimam a importância e a relevância dos estudos de públicos em museus e nos direcionam na percepção da variedade e do alcance de resultados e aplicações que o estudo de público pode gerar.

Apesar de sua importância, cabe destacar que os estudos de público não conseguem abarcar as multilateralidades pertencentes a esse grupo, segundo Lara Filho (2013, p.145) “conhecer o público   uma utopia”,   possível, entretanto, alcanç r resultados parciais, mas concretos, a partir da determinação de recortes específicos de pesquisa.

Sublinhamos que os resultados desses estudos de público, atrelados às diferentes áreas do conhecimento acad mico para além da Museologia, podem delinear novos horizontes e perspectivas sobre os museus, auxiliando assim o cumprimento de suas funções sociais.

A instituição museal, por si só, já está relacionada ao que entendemos, no senso comum, como lugar de patrimônio e memória. O patrimônio é comumente conceituado a partir de objetos que constituem valores simbólicos, históricos ou sentimentais. Quando inseridos em um espaço musealizado, esses objetos, na maioria das vezes não possuem apenas a sua função primária, ou seja, o destino para qual foram fabricados em origem, mas passam a ser enxergados como símbolos de um povo, de um passado/presente, de uma memória. De acordo com a legislação brasileira, o Art. 216 da Constituição de 1988 afirma que “o patrimônio cultural brasileiro é constituído por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto”. Trataremos, para as finalidades desta pesquisa, com a intersecção dos conceitos de patrimônio e arte sacra.

De modo geral, a arte sacra está vinculada a uma dicotomia sagrado/profano como aponta Roque (2007). Estes objetos originalmente tecidos para uma finalidade litúrgica/religiosa, quando patrimonializados, recebem novas camadas de valor e simbolismo, processo do qual Roque (2011) denomina de ressacralidade, isto é, tornar o objeto sacro em um outro viés.

Ao longo da história foram promulgados, através da Igreja Católica Apostólica Romana, diversos atos pontifícios e conciliares a fim de salvaguardar esses acervos (COSTA, 2011, p.44). Em suma, o desejo e o interesse do Vaticano em salvaguardar as coleções sacras, pertencentes as igrejas locais, era movido não apenas pelos valores mercadológicos e patrimoniais desses objetos, mas sobretudo, pela importância simbólica e sagrada que eles representam para a Igreja Católica Romana. Muitos templos de igrejas foram abertos para visitação, e, ao longo da história, foram institucionalizados museus, tanto pelas coleções que possuíam, quanto pela beleza e riqueza arquitetônica dessas edificações.

Dessa forma, o patrimônio sacro é aquele que, possuindo funções primárias vinculadas a um sentido religioso, agora são revestidos de significados outros. Segundo a definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2014, p.5) o sagrado enquanto patrimônio “se manifesta através das práticas, das representações, das expressões, dos conhecimentos e habilidades, assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais associados as eles”. Aqui o sagrado não é apenas um conceito metafísico, presente nas manifestações religiosas de culto, mas se apresenta na forma materializada dos artefatos, edificações e objetos de arte.

Perceber a arte sacra também como patrimônio, entendendo os seus valores históricos, estéticos, artísticos e culturais, proporcionou aos museus a possibilidade de inserir esses objetos em diferentes contextos. Nessa perspectiva, Cunha (2021, p.54) afirma que

a arte sacra propicia ao ser humano uma compreensão profunda das questões sociais, pois solicita a percepção visual, bem como os demais sentidos e é através dela que o ser humano compreende a dimensão política presente em seu meio em detrimento do valor histórico social a ela atribuído.

Para o autor a arte sacra atua como elemento aglutinador dos valores artísticos e históricos de onde ela foi produzida. Nesse aspecto, a inserção desses objetos no contexto museológico faz coro com o objetivo dos museus em provocar reflexões a respeito da sociedade e da produção humana historicamente, a fim de repensar ações presentes e futuras.

Arelado ao conceito de patrimônio está, também, a definição de memória. Entendemos memória enquanto mecanismo de ligação entre o saber histórico, bem como elemento de identidade como aponta Le Goff (1990). “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 1990, p.477). Ela pode ser distorcida por fatores sociais, físicos e mentais. Para Tosh (2011, p.16) “a memória não é fixa, nem infalível”, isto é, ela pode ser mutável de acordo com diversas circunstâncias, a memória não é exata, mas se apresenta de maneira variável e seletiva.

Pensando na correlação entre memória e patrimônio, Desvallés e Mairesse (2013, p.77) apontam que o próprio conceito de patrimônio está vinculado ao de memória. Ambos se entrelaçam pelo processo de formação da identidade cultural, seja coletiva e/ou individual. A própria história testifica por meio do que registra Barrantes (2016, p.1) que os museus de arte sacra brasileiros, em suas formações originais, “aliam a questão da memória, da arte e da religiosidade em uma complexa interdisciplinaridade que envolve questões teológicas, científicas e artísticas no desenvolvimento de seus espaços expositivos”. Isso implica afirmar que as relações entre o sujeito, a memória e o patrimônio se estabelecem em meio a magia da lembrança, da percepção e da construção dos sentimentos e experiências. Um indivíduo que enxerga no patrimônio alguma fagulha de identificação com suas raízes, pensamentos ou vivências, passa a valorizar essa memória criada, mantida ou ressignificada durante a visita. Assim sendo a exposição desse patrimônio por

meio das instituições museais dá lugar aos sentidos do significante, isto é, os sentidos simbólicos do público visitante.

4. Experiências do público frente ao patrimônio sacro

Consideramos, como aponta Gosling (2016, p.109), que “os museus estão inseridos [...] como espaços que promovem experiências e podem interagir com seus visitantes”. Os resultados apresentados dão conta das respostas obtidas por meio do questionário aplicado ao recorte estabelecido sobre o público do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos. Os respondentes expuseram experiências que perpassam encantamento e admiração ao se deparar com o patrimônio sacro, bem como, descreveram experiências de troca de conhecimento e ativação de memórias. Cabe destacar que esse recorte se trata de um público heterogêneo, plural e diversificado quanto a faixa etária, escolaridade e renda familiar.

Como observa Gonçalves (2021, p.194) “a experiência emocional no espaço expositivo [...] foi uma novidade apresentada no século XIX”. A nuvem de palavras em sequência (Figura 1) põe em destaque as emoções e sentimentos (reflexão, tranquilidade, calma, paz e gratidão) que foram suscitados a partir do contato do respondente com o acervo do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos.

Figura 1 – Nuvem de palavras dos sentimentos suscitados por meio da exposição, 2023.



Fonte: Castro.

Por meio das palavras destacadas na Figura 1 podemos concluir que esse tipo de vivência impacta emocionalmente de modos diferentes em cada indivíduo, ainda que, algumas das emoções destacadas tenham aparecido mais de uma vez na amostra, elas são similares, mas jamais devem ser consideradas idênticas.

Segundo Larrosa (2002, p.21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Desse modo, agrupamos as experiências semelhantes e as classificamos nas seguintes categorias: Experiência com ênfase em sentimentos, Experiência com ênfase na memória, Experiência com ênfase na curiosidade e conhecimento, e, Experiência com ênfase na reflexão e criticidade, como pode ser observado na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Experiência vivenciada no Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos pelos respondentes, 2023

Tipo de experiência	Nº de respondentes	Percentual
Experiência com ênfase em sentimentos	9	36%
Experiência com ênfase na curiosidade e conhecimento	8	32%
Experiência com ênfase na memória	4	16%
Experiência com ênfase na reflexão e criticidade	3	12%
Não respondeu	1	4%

Fonte: Castro

Conforme afirma Larrosa (2002, p.25) “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta”. Nessa perspectiva, classificamos algumas respostas como “experiência com ênfase em sentimentos”. Essas experiências traziam a maior parte dos sentimentos apresentados anteriormente na nuvem de palavras. A maioria dos comentários foram frases diretas como o encantamento, a paz, a tranquilidade que foram encontrados ao entrar em contato com o patrimônio sacro.

Os museus são reconhecidamente espaços de memória, onde “podemos encontrar a memória de uma comunidade, de um grupo social, [que] demanda um processo de reflexão” (CHICARELI; ROMEIRO, 2014, p.92). No museu há um encontro promovido entre as memórias coletivas, representadas pelas exposições, em contato direto com as memórias individuais de cada visitante. Concernente a isso Halbwachs (1990) afirma que a memória individual é, de certo modo, uma perspectiva

daquilo que chamamos de memória coletiva. Isso se dá, devido aos referenciais sociais que constituem a nossa memória individual. Mediante tais conceitos, a categoria: 'experiência com ênfase na memória', reúne respostas que envolviam tanto aquelas memórias mais individuais e afetivas, quanto a memórias coletivas e sociais.

O respondente ECC21 declarou: "lembrei do momento difícil que passei em família e da promessa que fiz para nossa senhora da conceição". Nos apropriamos, aqui, do conceito de memória autobiográfica do campo da psicologia, defendido por Baddeley (2011). O psicólogo afirma que "a memória autobiográfica se refere às memórias que mantemos em relação a nós mesmos e nossas relações com o mundo à nossa volta" (BADDELEY, 2011, p.152). Isso implica dizer que o contato com o museu estudado provocou ao respondente o acesso a uma memória vinculada a uma experiência pessoal, individual, e sobre si mesmo, isto é, uma memória associativa despertada por meio da exposição.

Observamos que um outro respondente teve uma memória associativa despertada ao observar o hall de entrada do Museu onde está impressa na parede a logo da exposição, afirmando: "lembrei do céu" (ECC25). Esse tipo de memória, segundo a Psicologia, é uma espécie de modelo matemático inspirado "na capacidade do cérebro humano de armazenar e recuperar informação por associação" (SOUZA, 2018, p.2). Ou seja, quando vemos algo similar, nossa memória é associada àquilo que já temos conhecimento. Apoiamo-nos quanto a definição trazida por Nora (1993), de que a memória seria a 'magia da lembrança', e no caso do respondente em questão, contemplar a pintura azul e dourada presente no painel de abertura do museu, por meio dessa 'magia' lhe levou uma associação imediata do céu.

Ainda sobre o acesso a memórias individuais, o contato com a coleção das imagens de Nossa Senhora da Conceição fez lembrar ao respondente de seu aniversário: "Porque completei ano no dia 09 de novembro e minha mãe queria de nascesse (sic) no dia 08" (ECC23). Aqui encontramos mais uma vez, a memória autobiográfica, ou seja, "a memória que passa pelo ciclo de uma vida, tanto de eventos específicos quanto de informações autorelacionadas" (BADDELEY, 2010, p.152). Encontrar-se com as imagens de Nossa Senhora da Conceição para ECC23 foi reencontrar-se com a memória do seu nascimento. Entretanto, pontuamos que não há nada individual que não seja um reflexo do social. "É certo que as memórias possuem uma sobrevida quase noológica, mas nenhuma lembrança, nenhuma história é autônoma. Pelo contrário, só há sentido na construção do processo histórico se localizarmos as memórias socialmente" (JESUS; BARRETO, 2011, p.8).

Diante do exposto, fazemos nossas as palavras de Gosling (2016, p.109) de que “a memória e os sentimentos presentes no antes, no durante e no depois podem afetar as expectativas, em um processo circular e contínuo”.

A ‘experiência com ênfase na curiosidade e conhecimento’ é a categoria que condensa respostas acerca do despertar da curiosidade que foi promovido aos estudantes por meio do contato com o acervo, atrelado a outros comentários sobre a busca por conhecimento a partir da visita. Para o respondente ECC05, por exemplo, “as emoções foram primeiramente a curiosidade juntamente com o desejo de poder se reportar ao passado ou ter registros fotográficos de como era tudo quando essas peças foram feitas”. Notamos aqui a relação imediata do visitante quanto a correlação do objeto exposto com o passado, assim como o processo de fabricação desses objetos. Outros respondentes elencaram apenas os objetos que despertaram sua curiosidade: “as imagens sem braço” (ECC18); “as estátuas de Nossa Senhora” (ECC02); “Nossa Senhora do Amparo” (ECC24).

O Museu também é identificado pelos respondentes como um espaço de conhecimento, 44% dos respondentes acreditam que o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos seja um espaço com finalidades educacionais, desse modo, ele é reconhecido, por seu público, como um lugar onde já a promoção do conhecimento. A visita ao museu acaba servindo ao propósito de construir conhecimento histórico por meio da problematização do que é exposto, afinal, eles são fontes de informações como apontam Chicareli e Romeiro (2014, p.89).

O conceito do museu como ambiente para a construção do conhecimento histórico se comprova com o que expõem o ECC12 “Exposições de artes religiosas. Auto-conhecimento (sic) de funcionários para transmissão de sua história”. Diante do exposto, acreditamos que o museu não contribui apenas como espaço de construção do conhecimento de cunho histórico, mas de múltiplos saberes. Como é o caso do que externou o ECC10: “sou católica, e achei muito interessante conhecer as imagens e saber que foram recuperadas e restauradas”. Portanto, consideramos que o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos é reconhecido por seu público como um lugar de conhecimento, não apenas no que tange ao campo histórico, mas também ao contexto religioso, patrimonial e conservativo.

A ‘Experiência com ênfase na reflexão e criticidade’ se deu tanto com relação à história do município contada através da exposição, quanto ao ato de refletir sobre diversas perspectivas ao qual foram conduzidos os respondentes enquanto circulavam

pelo museu. Nesse sentido, transcrevemos a reflexão de um respondente acerca do que mais o marcou:

“O que é sacro?” O que compreendemos como sacro e a forma que o vemos é tão relativo, tudo depende de onde nascemos, como crescemos e nossas experiências, mas a mediadora mostrou de forma sublime a importância de reconhecer o que é o sagrado além de nossa visão, nos menores detalhes em um bordado, em uma lanterna, nas técnicas de pintura, cerâmica, marcenaria, e nas diferentes culturas. Por isso, amei o museu e o que pude aprender com ele (ECC06).

A partir desse relato, notamos a compreensão do respondente acerca do repertório cultural de cada indivíduo, assim como o seu contexto sociocultural, e como estes podem influenciar na sua percepção do que é sacro.

O conceito de arte sacra, dentro da nossa formação cultural, está intimamente ligado a essa dicotomia sagrado/profano. Na verdade, essa dualidade é um “princípio transversal inerente a todos os fenômenos religiosos, o sagrado e o profano são dois registros separados e distintos que se excluem mutuamente” (ROQUE, 2007, p.1). Nessa perspectiva, o sagrado e o profano se retroalimentam, pois o que é sagrado pode vir a ser profanado e o que é profano pode se tornar sacralizado. Tendo esse quadro em vista, a constituição da arte sacra e o próprio espaço museal permeiam a dicotomia presente nos conceitos de sagrado e profano.

Para Roque (2011, p.130) o conceito de sagrado implica a condição de transcendência e interdição, criando uma ruptura que protege a ressaca, o ente sagrado ou o objecto sacralizado, separando-a, definitivamente, do registo humano”. Nesse sentido, o sagrado está acima das capacidades humanas como um conceito que transcende suas limitações. Segundo Costa (2011, p.35) “a arte sacra tem uma especial ligação com o sagrado, mas o fenômeno artístico, per se, pode ser entendido, em particular no âmbito cristão, como prossecução do acto criador de Deus”. Para o autor, a característica artística da arte sacra se correlaciona com a capacidade criadora da divindade cristã. O Deus criador de todas as coisas para o cristianismo, que, ao criar o homem a sua imagem e semelhança, como consta no livro bíblico de Gênesis, atribui essa capacidade criadora à humanidade, que teria a missão de dar continuidade à criação de seu criador. Endossando esse conceito, Franco (2018, p.22) indica uma designação da arte sacra a partir de uma análise linguística. Para ela “o nome arte é caracterizado pelo adjetivo sacra, ou seja, a arte adquire uma qualidade, resultado da aplicação do adjetivo de valor restritivo sacra”.

Nesse sentido, a arte se limita a sua característica sacralizada, vinculada ao sagrado, ela não é apenas arte em si mesma, mas a partir da atribuição do sagrado a ela concedida. Nessa perspectiva, Pastro (2020, p.4) afirma que “a arte é a única linguagem universal do homem. Nela não há fronteiras, nem espaço, nem limite de tempo, língua ou cultura. É naturalmente, a linguagem religiosa do homem. A arte fala do Ser do homem”. Para o autor e artista, a arte já possui uma linguagem religiosa por si mesma, pois é uma busca transcendente do homem por aquilo que o forma epistemologicamente. Nesse aspecto, a arte sacra tem uma grande abrangência fisionômica, isto é, ela pode ser apresentada de diversas formas e através de diversos estilos, que foram sendo incorporados pelas características culturais dos povos ao longo do tempo.

É importante evidenciar o questionamento trazido pelo respondente ECC06 sobre a relatividade do termo sacro é amplamente discutido academicamente, como sendo aquilo que varia de acordo com o ambiente onde estamos inseridos socio culturalmente. A proposição do respondente deve alertar a equipe museológica a respeito da necessidade de ampliação do conceito de sacralidade que, por sua vez, potencializa o acervo exposto gerando maior identificação com a pluralidade do público.

Destacamos que a preocupação com essa temática tem sido também identificada pela atual gestão do museu, o que se confirma com a sensibilidade da atual expografia em propor um diálogo entre a indumentária do maracatu rural, a preaca dos caboclinhos, o chocalho e o pandeiro - instrumentos presentes nas danças populares da microrregião onde o município de Goiana está localizado. Na Figura 2 é perceptível a interseção dos elementos sacro católicos com os elementos indígenas nas vitrines:

Acreditamos que ao observar esses elementos aproximados na exposição há uma abertura para que o público reflita a respeito do sincretismo religioso tão presente na formação colonial do Brasil, e que influenciou e continua influenciando a cultura goianense. Além disso, há a possibilidade de entender de ampliação da compreensão do sagrado por meio desta associação.

Figura 2 – Visitantes diante do diálogo proposto pela expografia: Arte Sacra Católica e o Maracatu e Caboclinhos de Goiana, 2022.



Fonte: Arquivo MASG

Prosseguindo, no que tange as reflexões emanadas por meio do contato com o acervo, um outro respondente afirmou que a visita ao Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos mostrou:

além da beleza das obras, como o processo de colonização foi violento e leviano com o contexto religioso local. Em uma terra com fortes raízes afro-indígenas e com grande presença das religiões de matrizes africanas (como o Candomblé, a Umbanda e a Jurema), é lamentável que um museu de grande porte traga essas peças católicas, sem uma perspectiva crítica do contexto violento em que se deu a entrada do catolicismo no Brasil Colonial (ECC09).

Percebemos que o relato do ECC06 se contrapõe ao que afirma o ECC09, enquanto o primeiro enaltece a reflexão promovida por meio da visita questionando o que de fato é sacro, o último se entristece ao detectar a ausência de perspectiva crítica a respeito do contexto de violência do Catolicismo no que se refere o período colonial brasileiro. Sem dúvidas, o questionamento levantado pelo ECC09 é extremamente válido e significativo, e de fato deve ser uma pauta a ser repensada pela gestão do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos. Contudo, acreditamos que tal reflexão já vem sendo apresentada pela exposição atual, mesmo que de maneira ainda tímida, visto que, na exposição inaugurada em março de 2022,

há uma vitrine que põe em diálogo alguns objetos do Caboclinho - manifestação cultural fortemente difundida na região da Zona da Mata Norte, especialmente em Goiana - e imaginárias católicas.

Salientamos aqui como a experiência de vivência no espaço museal é única e particular, embora seja permeada pelos mesmos objetos, ela é emaranhada de contextos e repertórios culturais diferentes o que pode gerar discursos e interpretações outras. Afinal, “o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”, como versa Larrosa (2002, p.24).

Quanto às coleções do acervo do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos que mais chamaram a atenção dos respondentes, algumas das opções não foram assinaladas, outras aparecem em maior evidência como é o caso da Coleção de Oratórios e Santuários (52%), Coleção de Imagens Femininas (24%), Objetos litúrgicos (8%) e Imagens em Terracota (8%), como demonstrado na Tabela 2, a seguir. A única coleção que foi escolhida por apenas um respondente foi Objetos de tortura (4%), enquanto outro respondente afirmou não ter nenhuma coleção do acervo da sua preferência (4%).

Tabela 2 – Coleções mais marcantes, 2022

Tipos de coleção	N de respondentes	Percentual
Coleção de Oratórios e Santuários	13	52%
Coleção de Imagens Femininas	6	24%
Coleção de Imagens em Terracota	2	8%
Coleção de objetos litúrgicos	2	8%
Coleção de objetos de tortura	1	4%
Nenhuma coleção do acervo	1	4%
Coleção de mobiliário	0	-
Coleção de Louça Inglesa	0	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a questão fechada para identificar qual a coleção do acervo teria chamado mais a atenção dos visitantes, havia uma outra pergunta complementar, neste caso aberta, a fim de compreender quais os sentimentos ou emoções que foram suscitadas a partir do contato do respondente com patrimônio sacro que mais havia lhe despertado a atenção.

Com a finalidade de organizar de modo mais compreensível as informações coletadas por meio desta pergunta, dividimos as respostas nas seguintes categorias:

Ênfase em sentimentos, Ênfase na religiosidade, Ênfase na reflexão e pensamento crítico, e, Ênfase na memória. Na Tabela 3, os resultados são apresentados.

Tabela 3 – Sentimentos e Emoções quanto as coleções do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos pelos respondentes, 2022.

Tipo de experiência	nº de respondentes	Percentual
Ênfase em sentimentos	7	28%
Ênfase na religiosidade	5	20%
Ênfase na reflexão e pensamento crítico	3	12%
Ênfase na memória	2	8%
Não respondeu	8	32%

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à ênfase nos sentimentos, destacamos as seguintes respostas: “Encantamento” (ECC04); “Calma, paz, tranquilidade” (ECC07); “Um bem está com elas” (ECC18); “Muito emocionante saber coisas sobre o passado do nosso povo, o tempo que foi produzido...” (ECC10).

Muitos dos sentimentos e emoções expressos nessa questão se assemelham aos que foram apresentados anteriormente na nuvem de palavras, o que solidifica os dados obtidos nessa amostra. “A forma como o artefato tocou os visitantes, tem a ver com a capacidade de ir ao encontro de suas emoções”, como afirma Ferreira (2018, p. 11).

No tocante a ênfase na religiosidade agrupamos as respostas que se aproximavam a reações voltadas a práticas ou reflexões no âmbito religioso, como: “A história de cada imagem religiosa” (ECC12); “Senti-me tocado pela religiosidade dos antepassados” (ECC16)

Ao mesmo tempo que o respondente enaltece a religiosidade presente no acervo do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, a maneira como foi impacto por tamanha religiosidade, ele a coloca como algo distante, pertencente aos antepassados, como se, tal religiosidade apresentada pela exposição, não se mantivesse viva por outros indivíduos na atualidade.

Segundo o respondente ECC15 “o que mais me tocou foi ver de perto a imagem restaurada de Nossa Senhora do Amparo”. Sem dúvidas, o restauro da Imagem de Nossa Senhora do Amparo, apresentada adiante na Figura 3, foi um

trabalho primoroso realizado pela equipe de restauro do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, que vem sendo reconhecido pelo público como um importante feito na história do museu e da imagem em específico. Se trata de uma escultura em madeira que compunha o altar principal da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, primeira sede do Museu de Arte Sacra de Goiana, que, posteriormente, viria a ser conhecido como Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos. De acordo com o imaginário popular, a imagem de Nossa Senhora do Amparo teria sido uma doação da Princesa Isabel, presenteando o município de Goiana pela abolição da escravatura em 1887 (CASTRO, 2021).

Figura 3 – Imagem de Nossa Senhora do Amparo restaurada, 2022



Fonte: Castro (2022)

Quanto à ênfase na reflexão e pensamento crítico, 12% das respostas eram referentes às reflexões feitas pelos respondentes ao contemplarem as coleções destacadas por eles, assim como o pensamento crítico que foi desenvolvido através desse contato. Para sermos mais precisos, o respondente ECC11 destacou “os objetos de tortura me fazem pensar”. E aqui chegamos a um ponto importante do que se propõe a própria existência dos museus: ser ambientes que promovem a reflexão e o pensamento crítico. Se de fato essa coleção conduz o visitante a um processo reflexivo, de pensar a respeito das atrocidades e injustiças cometidas pelo uso

daqueles objetos, ou quem sabe do poder inquestionável que era dado aos indivíduos que dele se utilizavam, o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, tem cumprido sua função de trazer outras narrativas à tona.

As palavras do ECC08 “a imagem de Santanna em específico me trouxe muita reflexão sobre a história da humanidade”, relacionamos ao processo reflexivo. Nesse caso, trazemos luz a ligação estabelecida entre o processo reflexivo e o conceito religioso imbuído a figura de Santanna. Para a tradição Católica a representação da mãe daquela que viria ser a geradora do Messias tem um peso, não apenas na função exercida, mas na sacralidade a ela vinculada. De acordo com o mineiro Museu de Sant’Ana “o culto a Sant’Ana reproduz o sentimento ancestral da relação do poder gerador da terra com o da mulher. Ao mesmo tempo, encarna outro culto da Antiguidade, que é a reverência aos antepassados, ao conhecimento que se transfere de geração em geração” (GUTIERREZ, 2017, p.9) ¹. Desse modo, em sua reflexão acerca da imagem de Sant’Ana encontrada no Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, ancorou suas percepções mediante ao conceito religioso formado acerca da imagem, atrelado a uma perspectiva, em certa medida, histórica.

No que tange a ênfase na memória, o respondente ECC04, descreveu o acesso a sua memória através do contato com as esculturas em terracota:

a coleção de imagens de terracota me trouxe lembranças do meu avô, as formas de algumas esculturas, que trouxeram os traços daquele homem de bigode grosso, com as mãos trabalhadoras, cheias de calos, após os dias mais cansativos e o amor pela família. Acho que também me conectei com as essências dos artistas, em todo os seus esforços para fazerem aquelas obras, e no poder que o barro tem para moldar o nosso EU por dentro! (ECC04)

O relato demonstra que o contato com a coleção de imagens em terracota promoveu o acesso a uma memória individual. O respondente também relacionou essa memória de seu avô, com traços grosseiros e mãos calejadas, com os próprios artistas em seu árduo trabalho de esculpir e moldar o barro, que faz referência a uma vivência individual, mas também familiar. Além disso, o comentário ainda traz uma reflexão pessoal a respeito de como o ato de moldar o barro pode ser comparado ao processo de moldagem que sofremos da construção do ‘eu’, isto é, nossa identidade. Isso implica dizer que as reflexões provocadas pelo contato com a memória não são unicamente emocionais, mas geram problemáticas e raciocínios que podem provocar

¹ Disponível em: <https://icfg.org.br/wp-content/uploads/2018/06/CATALOGO-MUSEU-DE-SANTANA.pdf>
Acesso em: 21 nov. 2022.

autorreflexões, como declara Bosi (2012, p.197) “a memória atende ao chamado do presente”.

Já para ECC23, a memória descrita continuou sendo a mesma externada nas perguntas anteriores, referente ao seu aniversário e a correlação entre a data e o dia em que Nossa Senhora da Conceição é celebrada. Isso reafirma a força da memória autobiográfica, já comentada anteriormente.

Por fim, os estratos das respostas dos estudantes nos permitem identificar como a pluralidade de observações e percepções que partem de um público não heterogêneo, diverso e plural, pode contribuir para reflexões acerca do patrimônio sacro pertencente ao Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, ressaltando a importância da realização de estudos de público pela instituição.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar o público visitante do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos face à sua experiência com o patrimônio sacro.

Consciente de que a pesquisa em relato foi dedicada a análise da experiência do público frente ao patrimônio pertencente ao Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, destacamos que tais experiências com ênfases diversas, sejam elas advindas da memória, dos sentimentos, da reflexão ou da curiosidade, reafirmam a individualidade dos respondentes ao passo que colaboram para a compreensão de que cada experiência vivenciada no museu é única e singular, mesmo que apresente certas similaridades. Em linhas gerais, o público do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos demonstra ligações pessoais, familiares, sentimentais, afetivas, históricas e críticas ao refletir sobre o patrimônio. A experiência desse público no referido museu, permite estabelecer conexões, como se fossem teias que seguem um emaranhado de experiências outras que permeiam o passado e o presente, sejam eles coletivos e/ou individuais.

Desse modo, acreditamos que o Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos é um importante aparelho cultural para salvaguarda de memórias históricas, culturais e sociais no que se refere ao povo goianense, pernambucano e brasileiro contidas nesse patrimônio, mas também um instrumento potencializador de novas memórias, vivências e experiências outras. Destacamos que as reflexões a respeito do olhar do público já vêm sendo consideradas pela atual gestão do museu o que consta de um dado posterior ao período investigativo da pesquisa.

À luz dessas considerações, acreditamos que o cenário aqui delineado é um contributo para a compreensão e o entendimento acerca de um determinado segmento de público do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, que, em sua maioria, acede à instituição por meio de cursos ofertados pelo Sesc Goiana que sedia e é responsável pela gestão do museu.

Em linhas de encerramento, temos a pontuar a continuidade das reflexões acerca dos públicos do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos, de modo a contemplar outros segmentos, categorias e características visto o reconhecimento de que os museus, por meio de seu acervo e de suas exposições, suscitam experiências, memórias, produzem saberes, renovam informações, promovem e aprimoram conhecimentos.

Referências

ARAUJO, Olga Susana Costa Couto e. **Os idosos como público de Museus**. Dissertação (Mestrado em Museologia) Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-07112016-124201/en.php>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BADDELEY, Alan. A Memória Autobiográfica. In: **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.152-177.

BOSI, Eclea. Entrevista: Eclea Bosi. **Dispositiva**, p. 196-199, 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/4301/4454>. Acesso em: 06 mai. 2021.

BRAHM, José Paulo Siefert; RIBEIRO, Diego Lemos; TAVARES, Davi Kiermes. **Comunicação em museus: avaliação de público no entorno do museu de ciências naturais Carlos Ritter, Pelotas/RS**. In: XV Seminário de História da Arte, UFPEL, n.6, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11541/7382>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

CASTRO, Eva C. de Sena. **Os acervos do Museu de Arte Sacra Escritor Maximiano Campos: um encontro entre história, fé e arte**. In: (RE)EXISTÊNCIAS: ANAIS DO 30º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP. 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/30enanpap2021/378449-os-acervos-do-museu-de-arte-sacra-escritor-maximiano-campos--um-encontro-entre-historia-fe-e-arte/> Acesso em: 11 jan. 2024.

CASTRO, Eva C. de Sena. **O sagrado nas artes: história, acervo e público do museu de arte sacra escritor Maximiano Campos**. 2023. 242 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Pernambuco, João Pessoa, 2023.

CHICARELI, Larissa Salgado; ROMEIRO, Kauana Candido Romeiro. Museu e ensaio de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. **Revista Confluências Culturais**, v.3, n.2, p.86-93, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5113080.pdf> . Acesso em: 16 nov. 2022.

COSTA, Antônio M. R. Pereira da. **Museologia da Arte Sacra em Portugal (1820-2010): Espaços, Momentos, Museografia**. Tese (Doutorado em Letras, na área de História, especialidade de Museologia e Patrimônio Cultural) - Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/18833>. Acesso em: 10 jun. 2021.

COSTA, Luciana Ferreira da; BRIGOLA, João Carlos Pires. Hábito cultural de visita a museus: estudo de público sobre o Museu do Homem do Nordeste, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 4, Número Especial, p. 121-141, 2014.

COSTA, Luciana Ferreira da. **Museologia no Brasil, século XXI: atores, instituições, produção científica e estratégias**. Tese (Doutoramento em História e Filosofia da Ciência) – Universidade de Évora, Portugal, 2017. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21966/1/Doutoramento%20-%20Hist%C3%B3ria%20e%20Filosofia%20da%20Ci%C3%A2ncia%20-%20Museologia%20-%20Luciana%20Ferreira%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COSTA, L. F. Estudos de usuários e estudos de público em museus: perspectivas para análise de interação e experiência virtual dos usuários e públicos. In: Clovis Carvalho Britto. (Org.). **Os museus e o campo da informação: processos museais, Museologia e Ciência da Informação**. 1ed. São Paulo: Abecin, 2023. p. 208-260.

CUNHA, Gabriel Pereira. O Ensino da História do Brasil Colonial por meio da Arte Sacra. In: O Ensino da História Local na sala de Aula: Fontes, objetos e Metodologias. **Atena**, p. 44-55, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348316373_O_ENSINO_DA_HISTORIA_DO_BRASIL_COLONIAL_POR_MEIO_DA_ARTE_SACRA. Acesso em: 13 jul. 2021.

DAVIDSON, Lee. Comprendiendo la experiencia del visitante através de la investigación cualitativa. **ENCRyM: Instituto Nacional de Antropología e Historia**, v.2, p.73-95, 2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0By8_qzy249E8dV9EUFBoWk83Tk0/view?resourcekey=0-W7V5IDX6SC8yycdUj3fXSQ. Acesso em: 17 jun. 2021.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf Acesso em: 17 set. 2020.

FERREIRA, Gustavo Lopes. **O papel das emoções na experiência de visita a um museu de ciências**. PUC-Goiás, 2018. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Gustavo-Lopes-Ferreira.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. **Planejamento e realização de exposições**. In: Coleção Cadernos Museológicos, v. 3, Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/cadernos-museologicos/>. Acesso em: 12 set. 2020.

GANDRA, Tatiane Krempser. **Práticas Informacionais dos visitantes do Museu Itinerante PONTO UFMG**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AV2EZJ/1/tese_tatiane_krempser_gandra_ok.pdf 18 nov. 2021. Acesso em: 23 nov. 2022.

GOSLING, Marlusa de Sevilha *et al.*. Experiência turística em museus: percepções de gestores e visitantes. **Tourism & Management Studies**, p.107-116, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5604360.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

GONÇALVES, Telma Lasmar. Visitar museus: um hábito socialmente construído e desconhecido pelos turistas. **Museologia e Patrimônio**. v.14, n. 2, p.161-185, 2021. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/885v> Acesso em: 17 nov. 2022.

GUTIERREZ, Ângela (Org.). **Catálogo do Museu de Sant'Ana**. Instituto Cultural Flávio Gutierrez, Minas Gerais, 2 ed., 2017. Disponível em: <https://icfg.org.br/wp-content/uploads/2018/06/CATALOGO-MUSEU-DE-SANTANA.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais, LTDA, 1990.

IBRAM. **Resultados FVA 2019**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museu, 2020, 39 p. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/museus-publico/resultadosfva2019.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

JESUS, Alexandre Silva de; BARRETO, Francisco Sá. O Museu e o Paradoxo da Memória na contemporaneidade: Teoria museológica e experiência museal. *In: ANAIS DO 35º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 2011. Disponível em: <http://www.al.pb.leg.br/elegispb/wp-content/uploads/2012/05/O-museu-e-o-paradoxo-da-mem%C3%B3ria-na-contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; CAZELLI, Sibelle; LIMA, José. Matias de. **Museus e seus visitantes**: relatório de pesquisa Perfil-Opinião 2005. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, 2008.

LARA FILHO, Durval. **Modos do museu**: entre a arte e seu público. Tese (Doutorado em Comunicação e Artes) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-23082013-111500/publico/DurvalLaraFilhoCorrigida.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19., p.20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Editora UNICAMP: Campinas, São Paulo, 1990. 533 p.

MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana Mortara; VALENTE, Maria Esther. **Museu**: lugar do público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

MORAES, Julia Nolasco Leitão. **Museus e público(s)**: a centralidade da relação público(s)-museu nos debates contemporâneos da Museologia. *In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 20., 2019. Florianópolis. Anais [...], Florianópolis: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, v.10, p.07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Leira Graziela Costa. **O distanciamento do público adulto dos museus na cidade de São Paulo**. TCC (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos), Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/leila_oliveira_artigo_final_revisado.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra**. Loyola, 2 ed., São Paulo, 2002.

ROQUE, Maria Isabel. **Do sagrado à museologia**. Évora, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/4061028/Do_sagrado_%C3%A0_museologia. Acesso em: 30 nov. 2022.

ROQUE, Maria Isabel. A exposição do sagrado no museu. **Comunicação & Cultura**, n. 11, p.129-146, 2011. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/558>. Acesso em: 27 abr. 2021.

TOSH, John. **A busca da história: objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

UNESCO. **Convenção de 2003 para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. 2014. Disponível em: https://ich.unesco.org/doc/src/2003_Convention-Basic_texts_version_2012-PT.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021.

Data de recebimento: 12.01.2024

Data de aceite: 26.01.2024